

IDADISMO, HUMOR E GÊNERO NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

AGEISM, HUMOR AND GENDER IN CONTEMPORARY BRAZILIAN SOCIETY

EDADISMO, HUMOR Y GÉNERO EN LA SOCIEDAD BRASILEÑA CONTEMPORÂNEA

Débora Pires Teixeira¹

Resumo

O presente artigo teve como objetivo apresentar uma análise de duas piadas com conteúdo idadista, cujos personagens centrais eram uma mulher e um homem, respectivamente. Metodologicamente, o conteúdo foi analisado a partir do modelo de “Análise de Imagens Paradas” (PENN, 2011) e discutido à luz do referencial teórico das Ciências Sociais, focado na velhice, no corpo e no gênero. As piadas analisadas, em seus discursos imagético e verbal, centraram-se no idadismo para provocar o riso do espectador e estiveram em consonância com a literatura vigente sobre a temática. Foram identificadas três categorias de análise: o declínio físico do corpo feminino, a infantilização e a impotência sexual masculina. O conteúdo humorístico, pelo seu caráter lúdico, costuma ser amplamente veiculado pelas mídias sem se tornar alvo de críticas, entretanto, vem contribuindo para reafirmar estereótipos idadistas, construindo relações desiguais entre os grupos etários e fabricando/solidificando modelos de vivenciar relações de gênero na velhice.

Palavras-chave: Gênero. Corpo Velho. Piadas.

Abstract

This article aimed to present an analysis of two jokes with ageist content, whose central characters were a woman and a man, respectively. Methodologically, the content was analyzed based on the “Analysis of Still Images” model (PENN, 2011) and discussed in the light of the theoretical framework of Social Sciences, focused on old age, the body and gender. The analyzed jokes, in their imagistic and verbal discourses, focused on ageism to provoke the spectator's laughter and were in line with the current literature on the subject. Three categories of analysis were identified: the physical decline of the female body, infantilization and male sexual impotence. Humorous content, due to its playful character, is usually widely disseminated by the media without becoming the target of criticism, however, it has contributed to reaffirm ageist stereotypes, building unequal relationships between age groups and manufacturing/solidifying models of experiencing gender relations in old age.

Keywords: Gender. Old Body. Jokes.

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo presentar un análisis de dos chistes de contenido edadista, cuyos personajes centrales eran una mujer y un hombre, respectivamente. Metodológicamente, el contenido fue analizado a partir del modelo “Análisis de Imágenes Fijas” (PENN, 2011) y discutido a la luz del referencial teórico de las Ciencias Sociales, centrado en la vejez, el cuerpo y el género. Los chistes analizados, en sus discursos imagísticos y verbales, se enfocaban en la discriminación por edad para provocar la risa del espectador y estaban en línea con la literatura actual sobre el tema. Se identificaron tres categorías de análisis: el declive físico del cuerpo femenino, la infantilización y la impotencia sexual masculina. Los contenidos humorísticos, debido a su carácter lúdico, suelen ser ampliamente difundidos por los medios de comunicación sin convertirse en objeto de críticas, sin embargo, han contribuido a reafirmar estereotipos edadistas, construyendo relaciones desiguales entre grupos de edad y fabricando/consolidando modelos de vivencia de las relaciones de género en la vejez.

Palabras llave: Género; cuerpo viejo; chistes

¹ Doutora em Economia Doméstica (UFV). Professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: deborapires@ufrj.br. ORCID: 0000-0002-3143-8676

INTRODUÇÃO

Diferentemente do que denunciou Beauvoir (1976) em *A velhice*, segundo Debert (2004) em *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*, o velho não é mais um ator ausente do conjunto de discursos produzidos pela sociedade. Pelo contrário, o envelhecimento é uma temática que está presente nas pesquisas científicas, no debate sobre políticas públicas e contexto econômico, nas interpelações dos políticos em momentos eleitorais, na definição de novos mercados de consumo e de lazer e, conseqüentemente, na mídia.

No século XXI, a velhice tem sido representada pela mídia hegemônica de maneira antagonista, ora positivada ora negativada, mas é no conteúdo de humor que a decrepitude e o declínio da velhice são explorados e o velho torna-se ridículo (DEBERT, 2002). Tal como acontece com outros públicos estigmatizados (sujeitos gordos, por exemplo) circulam na mídia tradicional e digital imagens de humor que reforçam estereótipos ligados ao velho, dentre elas as charges, os memes e as piadas. Neste sentido, a mídia contribui para construção/solidificação de estigmas ligados à velhice.

Sabe-se que a televisão, os jornais, a rádio e todos os meios simbólicos são poderosos instrumentos na formação das atitudes e crenças em relação à significação dos objetos sociais, dentre eles a velhice (NERI, 2006). Côrte, Mercadante e Gomes (2006) afirmam que a mídia reflete um processo de construção do envelhecimento e da longevidade. Nas palavras das autoras: “A mídia, como produto e produtor sociocultural, veicula certas representações dos velhos, da velhice e do envelhecimento, exerce função de ponto de referência. A imagem ou imagens apresentadas aos leitores tem importância significativa na construção dos discursos” (CÔRTE; MERCADANTE; GOMES, 2006, p. 35-36).

Conhecendo a importância da representação midiática para a representação de sujeitos velhos, o objetivo desse artigo é analisar como as imagens humorísticas focadas na velhice contribuem para o idadismo e estabelecem/solidificam modelos de vivenciar o gênero nessa fase da vida. Para tanto, foram utilizadas ilustrações disponíveis em sites da internet que apresentaram como personagem central, respectivamente, a mulher velha e o homem velho.

Com o objetivo de interpretar tais imagens adotamos como inspiração a metodologia para “Análise de Imagens Paradas”, proposta por Penn (2011), cujo procedimento deve ser realizado em três estágios: o primeiro refere-se à escolha do material, de acordo com o objetivo do estudo, a disponibilidade e a sua natureza; o segundo consiste na identificação de elementos denotativos do material; e o terceiro estágio, que compreende níveis de significação

mais altos, construído a partir do inventário conotativo. Além do discurso escrito nas ilustrações, a imagem também foi analisada e esse conjunto discursivo foi categorizado em três temas: a infantilização de sujeitos velhos, a depreciação da aparência física e o declínio sexual/impotência.

As interpretações foram discutidas pela perspectiva teórica das Ciências Sociais, representadas pelas obras de Beauvoir (1976), Bourdieu (1995), Goldenberg (2011, 2013), Sibila (2012), Debert e colaboradores (1994, 2004, 2012), Azize (2011) e outros.

A PRÁTICA DO HUMOR CENTRADA NO IDADISMO

Idadismo (*ageism*) é o preconceito contra uma pessoa ou grupo baseado na idade (CASTRO, 2017). A antropóloga brasileira Mirian Goldenberg (2020) recusa ao uso dos termos ageismo, idadismo, gerontofobia, por considerá-los eufemismos, tal como idoso, terceira idade, melhor idade etc. Segundo a autora, que opta pelo termo “velhofobia”, mudar a palavra não acaba a situação de violência, discriminação e preconceito que os mais velhos sofrem diariamente.

Castro (2017) destaca que o idadismo nem sempre aparece de modo explícito nas atitudes e discursos em relação aos mais velhos. Pode estar presente, mesmo que de modo velado, tanto na esfera cotidiana das interações interpessoais quanto nas produções midiáticas que circulam nas diversas telas, tal como acontece nas piadas.

Quando o humor é usado para reprimir, provocar, ridicularizar e zombar de outras pessoas pode causar certo temor: um fenômeno chamado gelotofobia. Em pessoas idosas, o medo de ser ridicularizado aumenta com a idade e se refere, sobretudo, às situações relacionadas ao idadismo (GREENGROSS, 2013).

O humor centrado no idadismo não é fato recente. Para Beauvoir (1976), na Grécia Antiga, apesar da escassez de informações a respeito do lugar ocupado pelo velho na Antiguidade, a velhice constituía um recurso cômico para alguns autores de comédia, como em Aristófanes. Seus textos ridicularizavam a velhice e retratavam o velho como “inválido, caduco, semimorto, aquele que suscita risos e não piedade ou horror” (p.126). Além disso, tal como em Aristófanes, a lubricidade dos velhos foi um tema incansavelmente explorado no decorrer dos séculos, especialmente pelo teatro cômico.

De acordo com Berzins e Mercadante (2012), a ridicularização da condição do velho, ainda presente no século XXI, é carregada de valores negativos revelados em várias manifestações estereotipadas do processo de envelhecimento. Propagandas, músicas, histórias infantis e piadas são alguns exemplos veiculados na sociedade que ressaltam atitudes

preconceituosas. Essas manifestações não colaboram na construção de uma sociedade para todas as idades. Ao contrário, elas segregam e reforçam atributos negativos quanto à velhice, afastando esses sujeitos da vida social, fomentando nas pessoas o desejo de terem uma vida longa sem ficarem velhas.

As piadas, as charges, os memes, as imagens e os vídeos humorísticos são elementos cujo pensamento preconceituoso e discriminatório encontram-se protegido pelo seu senso de humor que lhes confere leveza, graça e ameniza o julgamento. Por esse motivo, aparecem livremente nos vários espaços da vida cotidiana, reforçando preconceitos. A maioria das piadas sobre o envelhecimento reflete uma visão negativa sobre ele, especialmente aqueles que lidam com capacidade física ou aparência, ocultação de idade e habilidades mentais (PALMORE, 1971; BERZINS; MERCADANTE, 2012; NIMROD; BERDYCHEVSKY, 2018; LEE; HOH, 2021).

Bodw (2003), em uma análise de conteúdo de aproximadamente 4.200 piadas norte-americanas, estabeleceu oito estereótipos sobre o envelhecimento presentes nesses espaços: o homem impotente, a mulher pouco atraente, o homem vaidoso/viril, a mulher desinteressada, a inocência da segunda infância, a mulher insaciável, a pessoa idosa esquecida e a pessoa idosa enferma.

Ramanovi (2004), analisou estereótipos de idosos encontrados em 218 piadas russas em sites da Internet e utilizou o estudo de Bowd (2003) para comparação transcultural entre Rússia e EUA. Segundo o autor, tanto na cultura russa como na americana, as piadas empregavam principalmente estereótipos negativos sobre pessoas idosas com base em visões negativas de características mentais e físicas em função do envelhecimento.

Lee e Hoh (2021), investigando umas das formas mais usuais e recentes de humor na Internet, analisaram as representações discursivas ageistas em 98 memes de Cingapura, categorizando-as em três temas: infantilização (imaturos e analfabetos/ tecnologicamente analfabetos e dependentes), barbarização (incultos ou com gostos culturais inferiores) e fetichização (objeto de fetiche sexual). As mulheres eram mais propensas a serem apontadas por tais estereótipos, além de serem fetichizadas e sexualizadas. Quanto aos aspectos visuais, os memes apresentaram, predominantemente, fotografias de pessoas mais velhas em tons opacos. A falta de vivacidade visual pode ser observada em seus cabelos e na escolha de roupas lisas e monocromáticas. A ausência de vitalidade também se manifestou ao retratar os idosos como frágeis, incapazes de andar e com fortes dores corporais.

O idadismo discursivo e imagético presente nos memes é particularmente preocupante, pois a criação e a circulação desse preconceito é cada vez mais frequente no domínio da Internet. Além disso, os memes - que eram unidades de cultura popular circuladas, iniciadas e transformadas por usuários individuais da Internet - passaram a ser utilizados por sites para

fins comerciais, as fábricas de memes, popularizando seu conteúdo e incluindo os estereótipos atrelados ao idadismo (LEE; HOH, 2021).

Na sociedade ocidental contemporânea orientada para a juventude, não é raro que as pessoas se sintam ameaçadas pela velhice, sentimento que é frequentemente traduzido em ressentimento pelos velhos e refletido em estereótipos e discriminação. Nesse sentido, uma característica única do idadismo é que, em contraste com outros tipos de preconceito e discriminação, ele não é direcionado a grupos externos distintos, mas sim a nosso futuro, simbolizando o medo da morte e da deterioração (LEV; WURM; AYALON, 2018, NIMROD; BERDYCHEVSKY, 2018). Como afirma Beauvoir (1976, p.120), o adulto rejeita e teme a velhice, por esse motivo vê o velho como o outro, “odeia na pessoa do velho sua própria condição futura e repudia-a através do riso”, na certeza de “que jamais se assemelhará ao personagem grotesco”.

Os estereótipos retratados no formato humorístico podem se transformar em uma autorrealização, ou uma espécie de profecia internalizada (NIMROD; BERDYCHEVSKY, 2018), podendo ocasionar diversos efeitos negativos na vida da população envelhecida. É preciso lembrar que manifestações não colaboram na construção de uma sociedade para todas as idades. Ao contrário, elas segregam e reforçam atributos negativos da velhice, afastando esses sujeitos da vida social, fomentando nas pessoas o desejo de terem uma vida longa sem ficarem velhas (BERZINS; MERCADANTE, 2012).

O idadismo não aparece isolado, mas é intersectado por questões de raça, classe social e gênero, essa última explorada na análise seguinte.

PIADAS SOBRE A VELHA: a falência e a invisibilidade do corpo feminino

Quando se fala sobre o idadismo presente nos conteúdos humorísticos, as pesquisas revelam diferenças de gênero, posto que os homens têm avaliação negativa sobre a sua sexualidade, enquanto as mulheres são mais atacadas pela sua aparência. Segundo Nimrod e Berdychevsky (2018), as mulheres mais velhas são retratadas nas piadas de forma mais negativa do que os homens, reportando-se ao idadismo, mas também o sexismo, pois elas foram alvo mais frequente de humor relacionado à aparência para além das questões sexuais, como mostra a Figura 1:

Figura 1: Fralda fio dental²

Fonte: CATAIMAGEM, 2021.

A imagem mostrou um casal de velhos, ambos retratados no plano do corpo inteiro, discutindo sobre o modelo inovador de fralda geriátrica “fio dental”, dentro de um cômodo residencial. A ausência de vivacidade visual apontada por Lee e Hoh (202) foi observada na imagem com baixo contraste cromático e o uso de tons neutros e apagados.

À esquerda, a mulher foi ilustrada seminua e de costas, com a cabeça projetada para a direita, de modo a aparecer o seu rosto à medida que a personagem falava. As mãos em cima das nádegas, bem como o destaque para o uso de fraldas geriátricas no modelo de “fio dental” fazem com que o receptor foque nessa parte do corpo, posto que a mensagem da piada se relaciona à decadência física da mulher, cujas nádegas, quando firmes, volumosas e lisas, participando do conjunto de atributos desejáveis na construção da feminilidade, muito valorizado pela cultura brasileira.

No canto direito da imagem, o homem foi representado com calça, camisa, cinto, sapato e usando uma bengala. A imagem mostrou, ainda, o personagem usando no pé esquerdo um sapato verde do tipo mocassim e no pé direito um sapato marrom tradicional de cadarço. No contexto representado, o uso de bengalas evidencia a debilidade física do homem, enquanto os sapatos diferentes em cada pé remetem a decadência cognitiva. Como destacaram Lee e Hoh (2021) a falta de vitalidade presentes nos memes de Internet também apareceram na figura do velho decrépito.

A expressão facial e pose do homem reforçaram o seu estranhamento ao notar o entusiasmo da mulher com seu novo traje, como quem desacreditava no que havia visto. A presença de roupas para o homem é justificada pela mensagem da imagem, no qual desqualifica o corpo feminino. Para Bourdieu (1995, p. 118): “enquanto que, para homens, a

² <<http://www.cataimagem.com/2013/04/imagens-engracadas-de-idosos.html>>. Acesso em 21 de março de 2021.

aparência e os trajes tendem a apagar o corpo em proveito de signos sociais de oposição social (roupas, ornamentos, uniformes etc.), nas mulheres, eles tendem a exaltá-lo e a dele fazer uma linguagem de sedução”.

No diálogo, a mulher contou ao companheiro a novidade sobre as fraldas geriátricas: “*Veja como fiquei sexy!*” Disse ela. “*Senhor da morte me leve agora...*”, respondeu ele. Mesmo diante dos problemas físicos e mentais, a imagem de humor insinua que o homem teve lucidez para reconhecer o quanto a mulher está ridícula, ao exclamar que é melhor morrer a vê-la com fralda do tipo “fio dental”. Como afirma Sibilía (2012, p. 85): “Não é fácil ser velho no mundo contemporâneo – ser velha, então, pior ainda!”.

A imagem conflui com a hegemonia da representação do corpo feminino envelhecido nas figuras de humor que tematizam à velhice. De forma semelhante às piadas investigadas por Berzins e Mercadante (2012), a figura refletiu os estereótipos de velhice ligados à falência do corpo físico da mulher. Ou seja, o corpo feminino deve funcionar como um chamariz para a sexualidade masculina. No entanto, dada a incompatibilidade com o padrão de beleza vigente, ela se torna repulsiva e o seu traje, ao invés de despertar o interesse sexual do parceiro, torna-se o motivo de ridicularização.

Em seu livro *Fashion and Age: dress, the body and later life*, Twigg (2013) discute como, ao longo da história, determinadas formas e estilos de vestir foram sendo consideradas apropriadas ou inapropriadas para as pessoas à medida que envelhecem. As mulheres mais velhas estão sujeitas à pressão social para suavizar a aparência e adotar estilos apagados e encobertos. As normas engendradas nesse sistema regulatório são definidas pelo negativo, em termos do que deve ser evitado ou não usado pelos mais velhos. Sob essa ótica, o vestuário se configura uma arena de regulação moral em que os corpos mais velhos são policiados e disciplinados, no qual o vestir é atravessado por uma padronização sistemática das expectativas culturais que estabelece uma ordem e hierarquização organizada pela idade. E é nesse sentido que as roupas subscrevem em um nível visual, o preconceito etário presente na sociedade (TWIGG, 2013).

Diferente da jovem, a mulher velha não pode ser sexy para atrair os olhares masculinos, pois já cumpriu com suas funções sexuais e reprodutivas. Os atributos estéticos e eróticos de sua beleza corporal foram retirados e marcam o declínio de sua sexualidade, tornando-a incapaz de despertar o desejo do parceiro que, conseqüentemente, prefere à morte. Conforme apontado por Fernandes (2009), na sociedade contemporânea, os valores culturais orientados para a juventude tendem a depreciar os indivíduos idosos em termos de sua aptidão e atração sexual, particularmente as mulheres. Nesse contexto, as vovós são vistas como anjos da guarda com um corpo diáfano liberado de todo traço de sensualidade. O fato é que a mulher

mais velha perde o *status* de objeto de desejo e suas oportunidades de intimidade sexual ficam muito limitadas (NEGREIROS, 2004 *apud* FERNANDES, 2009).

Sobre o homem, mesmo que a ilustração tenha reforçado a ideia de decrepitude, o discurso presente na imagem reforça o efeito da “dominação masculina” que é também percebida em uma espécie de sistema valorativo sobre os corpos masculinos e femininos. Para Bourdieu (1995), a “dominação masculina”, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo e para o olhar dos outros como objetos receptivos, atraentes e disponíveis. “[...] é incessantemente sob o olhar dos outros, elas se veem obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, do qual procuram infatigavelmente se aproximar” (BOURDIEU, 1995, p. 82-83).

Em um contexto no qual os sujeitos são avaliados pelo que se vê em sua superfície corporal e em sua atuação puramente visível, a velhice é negada. A crescente democratização dos direitos à velhice parece vir acompanhada de uma massificação do dever da jovialidade, dos investimentos e esforços individuais para a suavização das marcas do tempo nos corpos de homens e, sobretudo, mulheres. Assim, “a boa forma torna-se um dever. Meio século após os movimentos de liberação sexual e em plena reivindicação da subjetividade encarnada, com a ‘expectativa de vida’ aumentando sem cessar –, novos tabus e pudores converteram a velhice num estado corporal vergonhoso” (SIBILIA, 2012). p.83). Como afirma Goldenberg (2011), o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido, pois é um corpo capital.

Diante da força desse modelo, o desconforto pessoal com o envelhecimento pode levar à negação e a tentativas de esconder a própria idade por meio de produtos de beleza e dos chamados “anti-envelhecimento”, cirurgias plásticas e outras fórmulas mágicas. A partir dos discursos que hipervalorizam a beleza e a juventude, Debert (1994) afirma que as mulheres na velhice experimentam uma dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação: a de gênero e a etária. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria marcada por uma série de eventos associados a perdas: do papel reprodutivo, do cuidado com as crianças; dos filhos adultos; do parceiro e da vivacidade do corpo. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a esse conjunto de perdas se deve somar o subemprego, os baixos salários, o isolamento e a dependência que caracterizam a condição das mulheres de mais idade.

PIADAS SOBRE VELHO: eles não fazem sexo!

Se a construção da masculinidade é centrada no trabalho e na sexualidade, o processo de envelhecimento representa uma etapa de perdas também para o homem. Nas palavras de Bitencourt (2015), enquanto as mulheres velhas têm imagens saudosistas e positivas de seus corpos jovens e magros, os velhos comentam o que “não conseguem mais fazer” com seus corpos na atual fase da vida. A visão falocêntrica e o estereótipo do “velho que não faz sexo” é recorrente nas sociedades. A crença na progressiva e generalizada incompetência, assim como na impotência sexual dos idosos faz parte intrínseca desses preconceitos (FERNANDES, 2009), como pode ser percebido na Figura 2.

Figura 2: Farsa na praia³



Fonte: O CORREIO MOR, 2021.

A imagem em questão é protagonizada por um homem velho e possui quatro quadrantes que forneceram ao espectador a sequência da narrativa dos fatos. No primeiro quadro, o plano central da imagem mostra o personagem caminhando pela areia da praia. Com sinais de senescência (pele enrugada e cabelos brancos), o torso nu e uma toalha de banho enrolada na cintura sob a qual foi ilustrado um volume que sugere uma ereção peniana, ele seguia seu trajeto em direção ao mar. No plano de fundo desse quadrante foi apresentada uma situação tipicamente litorânea, com outros banhistas, deitadas na areia e expostas ao sol. A expressão dos demais frequentadores da praia diante do velho era de inquietação, surpresa e espanto. Além de pessoas jovens e magras, entre os observadores, no canto esquerdo da imagem há um homem de meia idade, que pela sua feição, também se mostrou incomodado com a cena, embora sua velhice esteja próxima. Para Simone de Beauvoir (1990, p.10), “antes de desabar

³ <<http://correio-mor.blogspot.com.br/2010/07/>>. Acesso em: 10 de março de 2021.

sobre nós, a velhice é coisa que diz respeito aos outros. Pode-se, assim, compreender que a sociedade consiga evitar que enxerguemos semelhantes nossos nos velhos”.

Nos quadrantes seguintes, o personagem foi retratado sozinho em frente ao mar, experimentando a temperatura da água com os pés, retirando a toalha e esclarecendo os fatos ao espectador. O que dava a impressão de ser um pênis ereto no quadrante inicial era, na verdade, o formato protuberante do pescoço e da cabeça de um pato presente na boia. O humor da imagem está dado na falência do órgão sexual masculino e isso ocorre quando o velho desfaz o equívoco, removendo a toalha.

Além do estereótipo do velho impotente explorado pela imagem, ao apresentar o protagonista com uma boia de pato, essa imagem evidenciou outro estereótipo negativo ligado à velhice: a infantilização, na qual a velhice é tida como segunda infância. Tal prática de ser ver o velho como criança está ligada a imagem incapacidade e a dependência que se tem do processo de envelhecimento, outra representação reducionista da velhice.

Como a masculinidade deve ser representada em público, há mais pessoas ilustradas no primeiro quadrante. No entanto, a ilusão de ótica produzida pelo volume da imagem só é desmantelada quando o velho está sozinho e, portanto, apto para expor suas fragilidades. A imagem que tem como mote a disfunção erétil masculina, alimenta a ideia de impotência do homem na velhice.

Se, como assegura Carmo (2010), os homens “treinam” desde cedo sua sexualidade de modo a “não falhar” e a “cumprir seu papel de macho”, na idade avançada, “o mito da velhice assexual” questiona a identidade masculina. Como agravante, a aposentadoria ratifica o papel do homem velho, retirando-lhe sua principal função social, trabalho, consolidando a exclusão de sua identidade.

Para Rogério Lopes Azize (2011), segundo dados da Sociedade Brasileira de Urologia (2010), no Brasil, a dificuldade de ereção atinge quase 50% dos homens com mais de 40 anos. A chegada dos quarenta anos traz consigo a possibilidade da disfunção sexual no homem – e a possibilidade do desenvolvimento de transtornos de depressão e ansiedade ligadas à questão da sexualidade. Para Marshall (2006) citada por Azize (2011, p. 195), “o final do século XX é um momento no qual as mudanças, em princípio consideradas normais relacionadas ao envelhecimento do corpo masculino, passam a ser definidas como patologias e disfunções sexuais, passíveis de tratamento”.

Na batalha contra a máxima “velho não faz sexo!” os homens ganharam aliados farmacológicos. No Brasil, em 1998, a pílula Viagra, produzido pelo laboratório farmacêutico Pfizer, vendeu cinco milhões de unidades em um ano; em três tornou-se o medicamento mais

vendido do país. Conhecida como pílula azul, foi apresentada como uma grande evolução no tratamento da impotência (AZIZE, 2011).

Ainda segundo o autor, mais de uma década depois de seu lançamento, a pílula criou grande visibilidade pública para o tema da disfunção erétil e constitui um marco no que diz respeito à medicalização do corpo masculino. De forma talvez inédita, um medicamento voltado exclusivamente para a saúde masculina ocupou espaço nos meios de comunicação. No discurso midiático direcionado ao medicamento, corre, de forma mais ou menos explícita, a ideia de uma masculinidade essencial, vivida no passado, nos anos de juventude. O projeto envolvido no uso da pílula não aponta para o futuro, mas tem olhos voltados para o passado, quando o corpo era o que nunca devia ter deixado de ser. Portanto, a função da pílula é reestabelecer a noção do que seja a “natureza masculina”, perdida com o processo de envelhecimento do corpo do homem (AZIZE, 2011).

A expressiva venda desse fármaco ligado à sexualidade masculina reforça a tendência apontada por Debert e Brigeiro (2012). Segundo os autores, durante as últimas três décadas, o discurso gerontológico vem atuando no sentido de desconstruir o mito que apregoa o fim da sexualidade juntamente com a chegada da velhice, ou seja, o “o mito da velhice assexual”. O intuito é o de demonstrar que, apesar de haver uma redução do interesse e da atividade sexual, a libido pode permanecer por toda a vida, refutando, assim, a ideia de uma “assexualidade” na velhice, no sentido de falta de interesse ou de prática sexual.

Para esses autores, surgem novos discursos que se fundam na valorização e na centralidade da atividade sexual na velhice como parte das prescrições gerais para se alcançar envelhecimentos “saudáveis”, “positivos” e “bem-sucedidos”. Dessa maneira, esses discursos instaurariam um “processo de erotização da velhice”. Portanto, partiríamos de um enfoque mais antigo e culturalmente disseminado ilustrado pela frase “os velhos não têm vida sexual” para um discurso mais contemporâneo: “os velhos precisam ou devem fazer sexo para que alcancem uma vida plena e positiva” (DEBERT; BRIGEIRO, 2012).

Corroborando essa visão Nimrod e Berdychevsky (2018) afirma que retratos contemporâneos dos sexualidade desafiam os estereótipos do velho assexual ao apresentar indivíduos mais velhos como sexualmente interessados e ativos, tais representações - geralmente associadas a fármacos e clínicas de tratamento da impotência - refletem a mudança cultural no imaginário e nas expectativas relacionadas à velhice e descrevem a atividade sexual como um componente necessário do envelhecimento bem-sucedido.

Destaca-se que o envelhecimento é um processo heterogêneo e vivido pelos sujeitos de forma individual. Dessa forma, durante essa fase da vida, há sujeitos que desejam e vão continuar com a prática sexual ao longo da velhice e outros que não o farão. Faz-se importante

lembrar que tanto o discurso “os velhos não fazem sexo” como o discurso “os velhos precisam ou devem fazer sexo para que alcancem uma vida plena e positiva” podem ter efeitos negativos sobre os idosos, pois desprezam a pluralidade de experiências da velhice e constroem modos exclusivos de ser velha/velho, reduzindo as possibilidades dos sujeitos viverem o processo de envelhecimento e impondo padrões de comportamento.

De maneira geral, as duas imagens acima são reflexos do idadismo, tendo o sexo como o tema dominante, e funcionam como pedagogias culturais que recorrem aos clichês da representação da velhice e ao humor depreciativo. Vão além da propagação de estereótipos, pois fabricam modos únicos de ser “velha” e “velho” e desestabilizam modelos de feminilidade e masculinidade presentes na vida adulta, à medida em que ridicularizam o corpo feminino e questionam a sexualidade masculina. Partindo do princípio da velhice como processo ligado as perdas, tais corpos passam a ser objeto de medicalização e de procedimentos estéticos que buscam o resgate da juventude perdida.

Modos de ser velha e velho são aprendidos nas relações sociais que são continuamente reforçados pela mídia, no formato de pedagogia cultural. As representações, tais como aparecem na mídia, não apenas refletem as diferenças tramadas nas relações de gênero, como também ajudam a constituir-las. A reprodução da diferença se dá socialmente através da representação e está relacionado diretamente com as relações de poder que existem na sociedade (SABAT, 2001).

As imagens também nos fornecem pistas que vão ao encontro da ordem compulsória que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática que são obrigatoriamente heterossexuais. Na primeira imagem, a função do acessório feminino (fraldas geriátricas) era estimular o desejo sexual de seu parceiro, no caso um homem. De forma semelhante, a impotência sexual do homem é ridicularizada em função do falocentrismo, que funciona como um guia na construção da masculinidade em nossa sociedade.

No entanto, como sugere Mirian Goldenberg (2013), existem velhos e velhas ultrapassando os limites impostos por valores sociais e midiáticos. Mais livres e visíveis do que nunca, eles vivem a “bela velhice”. Para a autora, a construção desse conceito depende da sensação de segurança, da liberdade, da aceitação da idade e do bom humor, da leveza. No entanto, Goldenberg (2013) adverte que não existe um modelo de “bela velhice” único e consensual, pois sua beleza está, exatamente, na singularidade e na possibilidade de ser criada, principalmente, por cada um de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As piadas, as charges, os memes, as imagens e os vídeos humorísticos têm contribuído para consolidar as representações negativas ligadas à velhice. O conteúdo de humor, pelo seu caráter de leveza, é amplamente veiculado. Neste sentido, o humor depreciativo não rompe com as representações negativas, não questiona padrões de dominação, mas contribui para a manutenção de visões hegemônicas que estabelecem e confirmam a superioridade do piadista sobre o alvo da piada, nesse caso, o velho.

Esses estereótipos da velhice permeados pelo idadismo resultam em diferentes níveis de rejeição da figura do velho. No mundo real, as comparações do corpo velho com o midiático “belo, jovem, sexy e magro” reforçam a sensação de perdas e podem ter consequências negativas na saúde e o bem-estar dos velhos, bem como na percepção que eles têm de si mesmos. Existem também consequências para quem comete ações idadistas.

O idadismo fere o princípio da dignidade humana preconizada na Constituição Federal Brasileira, bem como o princípio da igualdade e não discriminação presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948 pela Organização das Nações Unidas, bem como na Lei nº 10.741/03, de 1º de outubro 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso.

O Capítulo II Estatuto do Idoso, *Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade*, versa sobre o respeito à pessoa idosa, no que tange a: “inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, ideias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais”, responsabilizando a todos pelo zelo à “dignidade da pessoa idosa, colocando-a a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”. Em caso de infração, o Estatuto do Idoso, em seu art. 96 § 1º, dispõe sobre a penalidade por discriminação (“desdenhar, humilhar, menosprezar ou discriminar pessoa idosa, por qualquer motivo”), com pena de reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa (BRASIL, 2003).

Nesse sentido, faz-se necessário reconhecer os mais velhos como sujeitos desses direitos e praticá-los, abandonando a visão homogeneizante e depreciativa produzida sobre essa faixa etária.

Por último, entre os desafios e sugestões para pesquisas futuras, destaca-se que, embora o termo *ageism* ter sido cunhado em 1969, por Robert Butler, há uma parca literatura nacional sobre a temática idadismo nos conteúdos humorísticos, sugerindo que essa investigação seja ampliada no âmbito acadêmico brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AZIZE, Rogerio Lopes. A 'evolução da saúde masculina': virilidade e fragilidade no marketing da disfunção erétil e da andropausa. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BEAUVOIR, de Simone. **A velhice**: a realidade incômoda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.
- BERZINS, Marília Viana; MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. Piadas de “mau gosto” sobre pessoas idosas: a disseminação do preconceito à velhice. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 23, n. 54, jul. 2012, p. 7-18. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/files/edicao_revista/9539ed56-4673-4e75-9bbf-3b0dafb5fa61.pdf. Acesso em: 3 de fev. 2021.
- BITENCOURT, Silvana Maria. Gênero e Envelhecimento: reflexões sobre o corpo que envelheceu. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 18, n. 2, p. 443-458. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/28476>. Acesso em: 10 de fev. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- BOWD, Alan. Stereotypes of elderly persons in narrative jokes. **Research on Aging**, Thousand Oaks, v. 25, n.1, p. 22-35, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0164027502238341>. Acesso em 22 abr. 2021.
- BRASIL. Estatuto do Idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em 29 abr. 2021.
- CARMO, Olinda Alves. Os homens e a construção e reconstrução da identidade de gênero. In: Seminários de Saúde do Trabalhador de Franca, 7, Seminário o Trabalho em Debate, 5. Saúde Mental Relacionada ao Trabalho. **Anais do [...]**. UNESP, Franca, SP. 2010. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=MSC0000000112010000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 14 de abril 2021.
- CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. Precisamos discutir sobre o idadismo. **Mais 60**: estudos sobre o envelhecimento, v. 28, n. 67, maio de 2017.
- CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; GOMES, Mayra Rodrigues. Quais são as imagens dos idosos na mídia? In: CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; GOMES, Mayra Rodrigues (orgs.). **Velhices**: reflexões contemporâneas. São Paulo: Sesc/PUC, 2006, p. 25-46.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e reprivatização do envelhecimento. São Paulo, Edusp. 2004.
- DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. **Estudos Feministas**, v. 2, n.3, p.33-51, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16288>. Acesso em: 20 mar. 2021.

DEBERT, Guita Grin. O idoso na mídia. **Com Ciência**: Revista Eletrônica De Jornalismo Científico. Setembro de 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env12.htm>. Acesso em: 14 de abril 2021.

DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 27, n. 80 outubro/2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/4ZCPxm3dySBsmm79BJFmmfR/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 mar. 2021.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. Problematizando o Corpo e a Sexualidade de Mulheres Idosas: o olhar de gênero e geração. **Revista de Enfermagem**. UERJ, Rio de Janeiro, v. 17, n.3 p. 418-22. jul/set.2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-17059>. Acesso em: 14 de abril 2021.

GREENGROSS, Gil. Humor and Aging: a mini-review. **Gerontology**, Basel, v. 59, n. 3, p. 448-453, 2013. Disponível em: <https://www.karger.com/Article/Pdf/351005>. Acesso em 22 abr. 2021.

GOLDENBERG, Miriam. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p.128.

GOLDENBERG, Miriam. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Contemporânea**. ed.18, v. 9, n.2, p. 77-85, 2011. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18_06_Mirian_Goldenberg.pdf. Acesso em: 14 de abril 2021.

LEE, Si YU; HOH, Jasmon W. T. A critical examination of ageism in memes and the role of meme factories. **New Media & Society**. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/14614448211047845>. Acesso em: 10 mai. 2022.

LEV, Sagit; WURM; Susanne; AYALON, Liat. Origins of Ageism at the Individual Level. In: AYALON, L; TESCH-RÖMER, C. (org.). **Contemporary Perspectives on Ageism**. London: Springer Open, p. 51-72. 2018.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e Crenças sobre Velhice: análise de conteúdo de textos do jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (orgs.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. Editora: Alínea, Campinas, SP, 2006.

NIMROD, Galit. & BERDYCHEVSKY, Liza. Laughing off the stereotypes: age and aging in seniors. Online sex-related humor. **The Gerontologist**, Oxford, v. 58, n. 5, p. 960–969, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317016624_Laughing_off_the_Stereotypes_Age_and_Aging_in_Seniors'_Online_Sex-Related_Humor. Acesso em 22 abr. 2021.

PALMORE, Erdman. Attitudes Toward Aging as Shown by Humor. **The Gerontologist, Oxford**, v. 11, n.1, p. 181-186, 1971. Disponível em: https://doi.org/10.1093/geront/11.3_Part_1.181. Acesso em 22 abr. 2021.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Petropolis, Vozes, 2011.

ROMANOV, Artemi. Comparative analysis of stereotypical traits of elderly people in Russian and American jokes. **Russian Journal of Communication**, v. 6, n. 3, p. 288-307, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=elderly+joke+ageism+humor&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 20 mar. 2021.

SABAH, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. v.9, n.1, p.9-21, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/hqknn4NtLrGpyGQMB8p7ByB/?lang=pt>. Acesso em: 14 de abril 2021.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática: o corpo velho como uma imagem com falhas. **Comunicação, mídia e consumo**. v. 9, n. 26, p.83-114, 2012. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/345>. Acesso em: 14 de abril 2021.

TWIGG, Julia. **Fashion and Age: dress, the body and later life**. London: Bloomsbury, 2013.